

AS IRONIAS DE MÁRIO QUINTANA

Ir. Elvo Clemente

Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Sul e PUCRS*

Falar ou escrever sobre as ironias de Mário Quintana parece tarefa fácil mas, na verdade, tem seus avatares. Durante semanas os jornais, as rádios, as televisões recordaram de uma ou outra maneira a figura humana do Poeta. É difícil não repetir o repetido e o conhecido.

Em 1940, é publicado o primeiro livro de versos de Mário Quintana, que ele concluíra em 1938. Os versos aparecem em forma de sonetos, na lídima tradição parnasiana. Vinte anos antes os modernistas execraram Olavo Bilac, Raimundo Correia e Alberto de Oliveira... O aparecimento do poeta marca uma contradição em face do modernismo já estabelecido por Manuel Bandeira, Drummond, Menotti del Picchia e entre nós Rui Cirne Lima... Apesar da forma parnasiana *A Rua dos Cataventos* tem versos singelos, simples na paisagem da saudade:

"Dorme, ruazinha... É tudo escuro...
E os meus passos, quem é que pode ouvi-los?
Dorme o teu sono sossegado e puro,
Com teus lampiões, com teus jardins tranqüilos..."¹

A simplicidade sobressai nos poemas de Mário Quintana. Não se deve confundir simplicidade com facilidade, pois, escreve no *Caderno H*: "E nunca me perguntes o assunto de um poema: um poema sempre fala de outra coisa" (C. H. p. 32).

Essa "outra coisa" rompe com a facilidade e leva para algo de mais complexo da arte poética.

É evidente e intrigante o que está no já referido *Caderno H*:

"O exercício da arte poética representaria, no caso, como que um esforço de auto-superação".

"É fato consabido que esse refinamento do estilo acaba trazendo necessariamente o refinamento da alma" (C. H. p. 24).

Há contradição entre a aparência e a realidade da poesia de Quintana.

* Palestra proferida no ciclo de estudos em homenagem a Mário Quintana, promovido pelo Instituto de Letras e Artes PUCRS, no mês de maio de 1994.

¹ Poesias, p. 6.

PUBLICAÇÕES EDEPUCRS

- VIANNA, Tyrtau Rocha. *Saco do Viagem*. 1993, 112p. Poesias. Em co-edição com IEL.
- WAMOSY, Alceu. *Poesia Completa*. 1994, 154p. O autor, sem favor um dos maiores poetas de sua geração, por certo merece estar presente no acervo dos que apreciam a verdadeira obra literária, o verso trabalhado, sonoro, rico em metáforas e símbolos e cujo conteúdo concorre para o enriquecimento do espírito humano. Em co-edição com IEL e Alves Editores.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDEPUCRS
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33
Caixa Postal 1429
90619-900 PORTO ALEGRE - RS
BRASIL.
FONE: (051) 339-1511 Ramal: 3323
FAX: (051) 339-1564

A figura de boêmio, de desligado dos assuntos sérios e profundos da vida está em confronto com a ânsia de eternidade e transcendência do Poeta.

Em "Trecho de diário" escreve: "Sempre fui metafísico. Só penso na morte, em Deus e em como passar uma velhice confortável" (C. H. p. 7).

Juan Esquerda Bifet, em recente livro – *Ver al invisible* – escreve:

"El misterio, más profundo con que se topa todo corazón humano sin excepción es la búsqueda sobre Dios como realidad viviente. No se trata sólo de ideas, que también cuestionan el corazón humano, sino de 'alguien' que, habiendonos creado por amor, nos sigue conduciendo delicadamente hacia él: 'nos has hecho, Señor, para ti, nuestro corazón está inquieto hasta que te encuentre' (San Agustín)".

A busca de Deus é busca de alguém, não de idéias, como escreve em *O testemunho evangélico*:

"Já se queixava São Paulo de que os atenienses só queriam razões. Bem sabia ele que as almas são ávidas de alimento muito menos dessangrado que um simples raciocínio. Mas nós, os gregos, continuamos em jejum..." (C. H. p. 6).

A palavra de Quintana coincide com o *Catecismo da Igreja Católica*, nº 27, nos termos:

"O desejo de Deus está inscrito no coração do homem, porque o homem foi criado por Deus e para Deus, e Deus não cessa de atrair o homem para si, e somente em Deus encontrará o homem a verdade e a dita que não cessa de buscar".

E a alma humana está sempre no claro escuro enigma do mistério, como escreve o Poeta: "Uma alma sem mistério nem seria alma... Da mesma forma que um Deus compreensível não seria Deus" (C. H. p. 18).

E o mistério da pessoa torna-se o tema constante dos poetas, em seu trabalho após o descanso do Senhor: "E eis que, tendo Deus descansado no sétimo dia, os poetas continuaram a obra da Criação" (C. H. p. 6).

E Quintana vai peregrinando na busca do Eterno e da Felicidade, com a sua maneira controversa de expressar-se: "Tenho pena da morte – cadela faminta – a que deixamos a carne doente e finalmente os ossos, miseráveis que somos ... O resto é indevorável" (C. H. p. 17).

A última frase traduz o reconhecimento da imortalidade da alma e de outros valores espirituais.

Em tudo deve haver suspense, a espera da surpresa do que possa vir, o que surpreende: "O que eu queria dizer é que todas, todas as coisas têm de ser dosadas com suspense, para poderem impressionar e encantar" (C. H. p. 1).

Veja-se a beleza da frase poética em que se encontra a invocação a Deus, ente real, e o lado cômico e malicioso do poeta: "Senhor! que buscas Tu pescar com a rede das estrelas?" (C. H. p. 46).

Ao mesmo tempo o Poeta confessa a unicidade de Deus que se situa no âmbito da infinita solidão: "Mas só Deus – que é único, que não tem par – poderia dizer o que é a solidão" (C. H. p. 20).

Usa uma maneira bela de profissão de fé e ao mesmo tempo a origem da força criadora dos artistas, citando o início do Evangelho de São João:

"No princípio era o Verbo. O verbo Ser.

E, ante essa dispersão lamentável, essa verdadeira explosão do Ser em seres até hoje os anjos ingenuamente se interrogam por que motivo as referidas pessoas chamam a isso de CRIAÇÃO..." (C. H. p. 5)

O Poeta move-se na decifração do enigma da pessoa e do universo, revolve-se na contrariedade e na ironia de atitudes e de soluções. Na paródia da antiga sentença invertida está o desvendamento da pergunta:

"Na volta da esquina encontrei a Esfinge. Petrifiquei-me. Ela me disse então, olhando-me nos olhos:
– Devora-me ou decifro-te" (C. H. p. 13).

O importante, por um lado, é desvendar o esconso, por outro lado, quer que o mistério persista pois a luz da revelação seria fatal. A chave de tudo está no homem: medida de todas as coisas (Parmênides). O poeta tudo descobre, tudo desvenda, tudo manifesta em sua criação por sua intuição: "Quando o homem desaparecer, que será das coisas, que será de Deus?" (C. H. p. 31)

É profundo o texto do poeta, do imagista. Não faz mero jogo de palavras. Traduz a razão de ser, a importância imprescindível do homem na existência e na nominalização dos seres.

A pessoa começa a ser tal quando tem a audácia de "transcender-se" fazendo-se relação e doação aos outros, como exclamava o salmista: "A Ti levanto meus olhos, a Ti que habitas nos céus" (Sl 122, 1). Esses "céus", onde Deus habita, são o "mais além" dessa superfície algo rugosa de nossa história que apalpamos todos os dias, conforme reflexão de Esquerda Bifet.

E Quintana em *Segredo da eternidade* traduz assim a ânsia de transcendência, de ultrapassar-se: "Naquele seu ímpeto ascendente e embora retombe a cada instante, ninguém, nem ele mesmo, o sabe: o repuxo é o eterno recém-nascido" (C. H. p. 17).

Como o poeta pode concentrar em tão singelas e despreziosas palavras tanta ânsia de infinito, tanta fome de transcendência, no eterno recomeçar do desejo sempre realizado, totalmente diverso do tormento de

Sísifo? Pois no texto citado há uma vida que renasce, há esperança sempre renovada.

O poeta será o artífice de *Contradições*?

"... mas o que eles não sabem levar em conta é que o poeta é uma criatura essencialmente dramática, isto é, *contraditória*, isto é, *verdadeira*" (C. H. p. 21).

Por isso é que afirma a grande realidade da poesia, num título inexpressivo e enigmático – *Poesia e lenço*: "A poesia não é coisa idiota: a poesia é uma coisa louca!" (C. H. p. 23)

No poema sempre haverá surpresa, suspense, algo de belo, maravilhoso: "A última novidade é sempre uma rosa" (C. H. p. 42).

De contradição em contradição o Poeta vai transcorrendo a existência, em sua miséria, em sua pobre condição, será sempre: "Nobre animal é o poeta!" (C. H. p. 42).

A nobreza lhe advém de sua arte, do gênio que o coloca em contato com o fogo sagrado, em contato com a força do Criador que transforma os seres, quando não os pode criar do nada ...

Ao mesmo tempo reconhece a sua pequenez e as limitações de sua herança: "Se eu fosse um iluminado, com que habilitações poderia eu distribuir a minha carne e o meu sangue? Apenas diria aos discípulos famintos: – Eis aqui os meus ossos" (C. H. p. 2).

Reconhece a sua situação e seus limites ao parodiar as palavras de Jesus Cristo na Ceia, ofertando, porém, o que realmente tem, "os ossos"...

Ao considerar os textos de leitura apresenta observações pedagógicas ao ensino da leitura e da escrita, à arte de viver. Vê, com amargura, a aprendizagem das crianças em textos inadequados à *leitura*:

"Ora, as crianças de *hoje* não se acostumam a ler correntemente, porque apenas olham as figuras dessas histórias em quadrinhos, cujo 'texto' se limita a simples frases interjetivas e assim mesmo muitas vezes incorretas. No fundo, uma fraseologia de guinchos e uívos, uma subliteratura de homem das cavernas" (C. H. p. 4).

A leitura é a vida do espírito, a vida intelectual, a vida que vê o mundo, as coisas e as pessoas em outras dimensões. Lamenta o desleixo na alfabetização quando escreve: "Mas se essas crianças, coitadas, nunca adquiriram o hábito da leitura como saberão escrever?" (C. H. p. 5)

A porta para a vida intelectual e social é a boa aprendizagem da leitura.

Continua a lastimar a negligência dos adultos na educação dos pequenos ao referir-se à *leitura e televisão*: "Competiria aos pais dessas crianças, não a nós, incutir-lhes o hábito de boas leituras. Ora essa! Mas se eles também não lêem ... Vivem eternamente barbiturizados pelas novelas da televisão" (C. H. p. 5).

O Poeta é o mestre, é o contemplativo que medita, que mede os acontecimentos na dimensão *sub specie aeternitatis*, na transcendência. Sempre na *camuflagem*, sempre na contradição de revelar escondendo a realidade: "A esperança é um urubu pintado de verde" (C. H. p. 15).

A palavra base é urubu com a gama nada prometedor de téticas conotações. Volta-se para a expressão do *Velho tema*, de Vicente de Carvalho:

"Só a leve esperança, em toda a vida,
Disfarça a pena de viver, mais nada;
Nem é mais a existência, resumida,
que uma grande esperança malograda."²

O Poeta brinca com a idade sempre na mesma modalidade do claro-escuro, da luz e sombra que esconde o que deseja comunicar aos *Velhos e Moços*: "A presunção – tão desculpável – e divertida nos moços – é o mais certo sinal de burrice nos velhos. O verdadeiro fruto da árvore do conhecimento é a simplicidade." (C. H. p. 55)

Na simplicidade volta-se ao fazer poético ambíguo e contraditório, irônico porque é congênito à pessoa e à *coisa*: "A gente pensa na coisa, acaba escrevendo outra e o leitor entende uma terceira coisa..., enquanto se passa tudo isso, a coisa propriamente dita começa a desconfiar que não foi propriamente dita" (C. H. p. 54).

Neste trecho evidencia a pluridimensão do verso, no jogo fingido do esconde-esconde... Se não houver o jogo, a ficção, não haverá poesia, não haverá artifício...

Refere-se com ternura e simpatia à velhice, à experiência da cidade à *Luz por dentro*:

"Mas há uma beleza interior, de dentro para fora, a transluzir de certas avozinhas trêmulas, de certos velhos nodosos e graves como troncos.

Eu gostaria de acreditar que essa inexplicável beleza dos velhos talvez fosse uma prova da existência da alma" (C. H. p. 30).

A sabedoria da idade provectora leva a considerar a existência do lado espiritual do ser humano: a alma. Quando menos se espera Quintana deixa o campo da terrenidade e se lança na transcendência num movimento aparentemente contraditório nas diversas faces das ironias.

Sente em si o peso dos anos, mas vai levando o fardo, de modo estético e inconformado a *vida*: "A vida era muito mais intensa quando não passava na média de 40 anos. Agora é um longo, um interminável arrastar das correntes: nós somos as almas penadas deste mundo" (C. H. p. 41).

Em *Sapato florido*, o poema, um quarteto, caracteriza *Envelhecer*:

² (Antologia da Poesia Brasileira, Vol. II, p. 505).

"Antes todos os caminhos iam.
Agora todos os caminhos vêm.
A casa é acolhedora, os livros poucos.
E eu mesmo preparo o chá para os fantasmas."³

Ruy Rodrigo Brasileiro de Azambuja, em *Página de Diário*, tece algumas considerações sobre Mário Quintana no dia 5 de maio de 1994: "Morre Mário Quintana, aos 87 anos. Mas não morre a poesia, que não tem idade. E Quintana deu-lhe mais vida. Descobriu-a nos simples cotidianos. Transformava os quase-nadas em belos poemas."

A idéia da morte foi-lhe parceira constante nos poemas e nos pensamentos. No livro de estréia, em 1940, o soneto XXXV tem o título – "Quando eu morrer..." com que pretendo encerrar estas minhas observações sobre as ironias de Mário Quintana: na vida, no amor, na sociedade, na arte e principalmente na poesia.

QUANDO EU MORRER

Quando eu morrer e no frescor de lua
Da casa nova me quedar a sós,
Deixai-me em paz na minha quieta rua ...
Nada mais quero com nenhum de vós!

Quero é ficar com alguns poemas tortos
Que andei tentando endireitar em vão ...
Que linda a Eternidade, amigos mortos,
Para as torturas lentas da Expressão!...

Eu levarei comigo as madrugadas.
Pôr de sóis, algum luar, asas em bando,
Mais o rir das primeiras namoradas ...

E um dia a morte há de fitar com espanto
Os fios da vida que eu urdi, cantando,
Na orla negra do seu negro manto ...

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

QUINTANA, Mário. *Caderno H*. Porto Alegre: Globo, 1943.

———. *Apontamentos de história sobrenatural*. Porto Alegre: Globo, 1976.

———. *Bau de espantos*. Porto Alegre: Globo, 1986.

———. *Poesias*. Porto Alegre: Globo, 1962.

ESQUERDA BIFET, Juan. *Ver al invisible*. Barcelona: Editorial Balmes, 1993.

PINHEIRO TORRES, Alexandre. *Antologia da poesia brasileira*. 2 v. Porto: Livraria Chardron, 1984.

³ (Poesias p. 108).